



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Andreia Saraiva Abreu

**A INFLUÊNCIA DO RENDIMENTO ESCOLAR E
DESPORTIVO NO AUTOCONCEITO NA
ADOLESCÊNCIA**

VOLUME 1

Dissertação no âmbito do mestrado integrado em psicologia, área de especialização de Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento, orientada pelo Professor Doutor Eduardo João Ribeiro Santos e apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, da Universidade de Coimbra.

Julho de 2021

A influência do rendimento escolar e desportivo no autoconceito na adolescência

Resumo: O construto autoconceito é a percepção que um indivíduo cria acerca de si próprio. Este construto tem influência na vivência de cada criança e adolescente, afetando de forma positiva ou negativa, os vários contextos do quotidiano. Assim sendo, esta dissertação passa por abordar a explicação do autoconceito, mostrar a sua importância na vida de crianças/adolescentes no contexto escolar e desportivo, como também uma breve explicação do instrumento de avaliação utilizado. Esta dissertação faz uso do SPSS para a análise dados, onde se extraiu qual os fatores do Piers-Harris 2 é influenciado de forma positiva ou negativa pela análise subjetiva do rendimento escolar e desportivo da amostra utilizada na recolha de dados. Por fim, concluiu-se que adolescentes que se consideram como excelentes no rendimento escolar e desportivo, têm valores mais elevados a nível da aparência física.

Palavras-chave: Autoconceito, Rendimento escolar, Rendimento desportivo, Piers-Harris 2

The influence of school and sports performance on self-concept in adolescence

Abstract: The self-concept construct is the perception that an individual creates about himself. This construct has an influence on the lives of each child and adolescent, positively or negatively affecting the various everyday contexts. Therefore, this dissertation addresses the explanation of self-concept, showing its importance in the lives of children/adolescents in the school and sports context, as well as a brief explanation of the assessment instrument used. This dissertation uses SPSS to analyze data, extracting which Piers-Harris 2 factors are positively or negatively influenced by the subjective analysis of school and sports performance of the sample used in data collection. Finally, it is concluded that adolescents who consider themselves excellent in academic and sports performance have higher values in terms of physical appearance.

Key words: self-concept, school performance, sports performance, Piers-Harris 2

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradecer aos principais pilares de confiança e de segurança, os meus pais e a minha irmã, Catarina. Por me proporcionarem o possível para chegar onde cheguei, com toda a força e dedicação.

Agradecer ao Sérgio, pela presença constante e pelo apoio. A todos os meus amigos, tanto os de Barcelos, como os de Coimbra, por toda ajuda e estarem sempre à distância de um telefonema.

A toda a minha restante família, que é igualmente importante, por toda a força dada neste processo.

Às coordenadoras do meu estágio curricular, Dra. Cátia e Dra. Daniela, por toda a ajuda, autonomia e oportunidade de crescer e aprender numa instituição excelente. Aos meus colegas de estágio, que viveram comigo uma experiência incrível, onde desenvolvemos e melhoramos imensas capacidades quanto futuros psicólogos.

Ao meu orientador, pela prontidão, pela rápida resposta e pelo apoio.

À faculdade de psicologia e ciências da educação de Coimbra, que me proporcionou imensos anos de excelente aprendizagem.

E por fim, a Coimbra, a cidade que me acolheu, um enorme obrigada.

Índice

Introdução	5
1.Revisão de literatura	6
1.1 Construto – autoconceito	6
1.2 Autoconceito na infância/adolescência e a sua importância	8
1.3 Rendimento escolar	10
1.4 Rendimento Desportivo	12
1.5 Escala de autoconceito Piers-Harris 2	14
2. Objetivos	15
3. Metodologia	16
3.1 Amostra	16
3.2 Instrumento	18
3.3 Procedimentos	19
4. Resultados	20
5. Discussão	26
6. Conclusão	27
7. Bibliografia	30
8. Anexos	31
Anexo 1	32
Anexo 2	47
Anexo 3	49
Anexo 4	50

Introdução

A presente dissertação tem como tema central a influência do rendimento escolar e desportivo no autoconceito na adolescência. O construto autoconceito definido assim por vários autores, como as percepções que um indivíduo cria acerca de si próprio nas várias dimensões da sua vida. Percepções estas que podem influenciar a forma e a noção que um indivíduo tem sobre a sua capacidade de executar algum tipo de tarefa, nos vários contextos presentes na vida de uma pessoa, tal como, o contexto escolar e desportivo.

O autoconceito, como um construto decisivo e importante na vida de uma criança/adolescente, vai influenciar a forma como estes vivem várias experiências ao longo da sua existência. Sendo que, quanto maior for o nosso autoconhecimento das nossas competências, mais fácil será a nossa autoavaliação e nosso reconhecimento pessoal (Faria, 2005).

Percebe-se então, ao longo da dissertação, o tipo de influência que pode ter o rendimento escolar e desportivo nos diversos fatores constituintes do autoconceito das crianças e adolescentes, como a popularidade, o aspeto comportamental, a ansiedade, a satisfação e felicidade, o estatuto intelectual e a aparência física. Explorar as relações entre a percepção do rendimento escolar, percepção do rendimento desportivo, fatores do autoconceito e autoconceito total. Analisando por fim, a influência da idade no autoconceito das crianças/adolescentes.

Esta dissertação encontra-se dividida e estruturada em seis partes. Na primeira parte, está inserido o enquadramento teórico, dividido pela definição do construto autoconceito, o autoconceito na infância/adolescência e a sua importância, o rendimento escolar, o rendimento desportivo e a escala de autoconceito Piers-Harris 2. Na segunda parte, é a definição dos objetivos, o geral e os mais específicos. Na terceira parte, abordo a parte da amostra, referindo os instrumentos, procedimentos. Na quarta e na quinta, a análise e discussão dos resultados. E por fim, a conclusão, onde relato as minhas reflexões finais.

1.Revisão de literatura

1.1 Construto – autoconceito

O autoconceito é um construto responsável por criar bastante curiosidade e interesse por parte de muitos investigadores, daí haver bastantes definições acerca do mesmo. Muitos autores defendem que o autoconceito pode ser definido como a percepção que o indivíduo tem de si próprio nas várias dimensões da sua vida.

Bandura acredita que o autoconceito é uma visão composta de um indivíduo, formada pela experiência direta e as avaliações feitas por pessoas significativas (Bandura, 1986 *apud* Paiva, Lourenço, 2011).

O autoconceito também é definido como uma característica dinâmica que o ser humano adquire e desenvolve à medida que vai ampliando a sua percepção e a sua compreensão dos valores pessoais e sociais (Tamayo et al., 2001 *apud* Junior et al., 2012).

O autoconceito também é defendido e definido como a ideia do eu como objeto de conhecimento em si mesmo, sendo detentor de uma noção de pluridimensionalidade, incluindo representações sobre as diferentes características dos individuais, tais como, as diversas capacidades e as características psicológicas, as capacidades de relação interpessoal e social (Miras, 2009 *apud* Simões & Mata, *s.d.*).

O autoconceito pode ser também interpretado como uma construção cognitiva e social que, ao longo dos anos, se desenvolve e molda-se por um conjunto de características conscientemente assumidas pelo indivíduo (Harter, 1999 *apud* Bichels et al., 2020).

Shavelson et al. (1976), descrevia o autoconceito como sendo um construto organizado, multifacetado, hierárquico, estável, desenvolvimentista, avaliativo e diferenciável.

De acordo com o mesmo autor, o construto é organizado, pois as experiências de um indivíduo constituem os dados nas quais ele baseia suas percepções de si mesmo. Então para tornar

este processo de assimilar toda a sua informação mais fácil, as experiências são recodificadas em categorias e organizadas.

É multifacetado, pois cada faceta reflete o sistema de categorias adotado pelo indivíduo e/ou compartilhado por grupos, podendo estar incluído, por exemplo, áreas como a escola.

É hierárquico, pois no topo na hierarquia do autoconceito, encontra-se o autoconceito geral, que providencia uma maior estabilidade. Conforme se vai subdividindo o autoconceito, este passa a depender mais da especificidade das situações com que o sujeito se confronta e, por isso, a estabilidade diminui, sendo assim um construto hierárquico.

É estável, indo de acordo o referido na característica acima, onde percebemos que o topo da hierarquia do autoconceito, o autoconceito geral, providencia a maior estabilidade do autoconceito.

É desenvolvimentista, sendo que o autoconceito se torna multifacetado e estruturado com a passagem dos anos e o adquirir de experiências.

É avaliativo, isto é, o indivíduo começa a fazer avaliações de si próprio em várias situações, com base no seu eu ideal, tal como as pessoas significativas, fazem avaliações sobre o mesmo.

Para Serra (1988), e em conformidade com muitos outros autores já referidos, este definiu o autoconceito como a percepção que o indivíduo cria de si próprio e, partindo disso, o conceito que irá formar sobre si. Afirmo que há quatro tipos de influência que ajudam a construir o autoconceito. O primeiro tipo de influência refere-se ao modo como as outras pessoas observam um indivíduo. O segundo, é a noção que o indivíduo tem acerca do seu desempenho em situações específicas, por exemplo, achar que foi competente a cozinhar para a sua família. O terceiro diz respeito ao “confronto da conduta” do indivíduo com os pares sociais que se identifica. Por fim, o quarto refere-se à avaliação de um comportamento específico em função de valores transmitidos por grupos normativos.

Serra (1988), identificou os constituintes do autoconceito, bem como os vários tipos de autoconceito.

Isto é, os constituintes referem-se às autoimagens, que são um resultado das observações em que o indivíduo faz de si mesmo o objeto da sua própria percepção. A autoestima, que o autor definiu como a avaliação que o indivíduo faz das suas qualidades ou do seu desempenho. O autoconceito real, que é a descrição de como se costuma considerar. E o autoconceito ideal, sendo isto a descrição de como o indivíduo desejaria ser.

Os vários tipos de autoconceito foram divididos em autoconceito académico, autoconceito social, autoconceito emocional e autoconceito físico, sendo estes significativos em diferentes áreas.

O estudo deste construto é algo que se pode considerar importante pelo caráter preditivo quanto à realização do indivíduo nos diferentes domínios da existência (Faria, 2005), como também a ajuda a compreender aspetos como a uniformidade, a consciência e a coerência da conduta observável, a noção de identidade e a manutenção de certos estereótipos de ação com o passar do tempo (Serra, 1988).

Faria (2005), afirma que as percepções que o indivíduo cria de si próprio e o autoconhecimento vão-se construindo através das experiências vivenciadas, nos vários contextos da vida do indivíduo, como por exemplo, e dois aspetos a serem desenvolvidos ao longo do presente estudo, a escola e o contexto desportivo, bem como as interpretações que os mesmo fazem acerca das experiências referidas e avaliações que as pessoas significativas fazem dos seus comportamentos, a par das atribuições ou explicações causais que os outros e o próprio elaboram para as mais variadas condutas.

1.2 Autoconceito na infância/adolescência e a sua importância

O indivíduo evolui e desenvolve, sendo este um processo que vai decorrer ao longo da vida, que faz do indivíduo um todo, composto por aspetos biológicos, emocionais, sociais e cognitivos. Então, ao mesmo tempo que o ser humano se desenvolve, o autoconceito acompanha a sua evolução,

desenvolvendo aspetos como o raciocínio, a linguagem e a tomada de consciência do indivíduo integrante de uma sociedade (Tátá, 2014).

O desenvolvimento do autoconceito pode ser determinante para o sucesso do indivíduo, em diversos contextos de vida, tal como o desempenho no contexto escolar, desportivo e social (Liu et al., 2005; Lone & Lone, 2016; Tamayo et al., 2001 *apud* Bichels, 2020).

Shavelson, Hubner e Stanton (1976), refere que o autoconceito detém uma enorme importância no desenvolvimento das crianças e dos adolescentes, pois essas percepções de si próprias são desenvolvidas com uma maior intensidade nessas fases de desenvolvimento humano.

A importância do desenvolvimento do autoconceito prende-se pela melhor aceitação do próprio, como também permite ao indivíduo um maior aproveitamento das suas competências pessoais (Faria, 2005). Sendo que, aqueles que conhecem as suas capacidades e competências e as valorizam, tem mais probabilidades de as aproveitar e conseguir um maior rendimento (Burns, 1979; Calsyn & Kenny, 1977; Man & Hrabal, 1989; Shavelson & Bolus, 1982; Sternberg, 1993 *apud* Faria, 2005).

Focando agora a transição da infância para a adolescência, as percepções que a criança faz de si mesma, são percepções mais concretas, já com a passagem para a adolescência, essas percepções começam a ser abstratas, focadas em aspetos internos e psicológicos dos comportamentos, sendo que estas últimas vão estar mais sujeitas a enviesamentos e a distorções cognitivos, o que pode implicar que o autoconceito do adolescentes se torne mais irrealista, e conseqüentemente a ter comportamentos desajustados (Harter, 1993 *apud* Faria, 2005).

No período da adolescência, as dimensões académicas, isto é, o autoconceito para a matemática, para a língua materna e disciplinas artísticas; as dimensões não académicas sociais, como a relação parental e com pares; e as dimensões não académicas físicas, como a aparência física e as habilidades desportivas e físicas são bastantes importantes (Marsh, 1989 *apud* Faria, 2005).

Contudo, há adolescentes que desenvolvem um autoconceito irrealista, influenciados pelo contexto familiar, escolar e da sociedade, acabando por gerar mau estar a esses indivíduos.

Crianças e adolescente que duvidam das suas capacidades, irão subestimar-se e criar expectativas negativas sobre o seu trabalho e atuação futura, que conseqüentemente vai fazer com que esses indivíduos evitam comprometer-se com algo onde tenham que demonstrar as suas capacidades, acham que os outros esperam menos deles e olham para tudo o que fazem como pouco ou nada eficaz e eficiente, tornando toda a pressão em volta de alguma tarefa negativa (Faria, 2005).

Voltado às diferenças das autopercepções das crianças e dos adolescentes, um estudo feito por investigadores, com participação de 144 crianças, da faixa etária dos 10 aos 14 anos, constatou que, em ambos os sexos, o avanço etário é um fator que influencia negativamente a percepção do autoconceito (Junior et al., 2012).

As vantagens do aumentos dos estudos do autoconceito, permitiu que o conhecimento acerca do construto autoconceito fosse cada vez maior e mais alargado, relaciona-lo com outras variáveis, como o sucesso escolar e a prática desportiva, a fomentação da construção de instrumentos de avaliação, bem como o surgimento de planos de intervenção para a promoção do autoconceito em vários contextos.

1.3 Rendimento escolar

O autoconceito é considerado como uma variável fundamental a considerar no contexto escolar, nos processos de aprendizagem e no desempenho escolar. Sendo este um dos contextos mais centrais e importantes no quotidiano e vida de uma criança/adolescente, criando-lhe oportunidades de aprendizagem e melhoria e o desenvolvimento de novas habilidades e competências (Tátá, 2014).

É admitido que o autoconceito se admite como um dos fatores que mais influencia o rendimento escolar, determinado pelo contexto educativo pela qualidade das relações estabelecidas entre o professor e aluno (Burns, 1979; Byrne, 1986 *apud* Paiva & Lourenço, 2011).

Estudos constataram que a relação entre o autoconceito e o rendimento escolar é bastante positiva e significativa, sendo que o aluno com dificuldade de aprendizagem detém um autoconceito mais pobre (Lopes, 2006 *apud* Tátá, 2014).

Vários autores acreditam que conhecimentos e sentimentos positivos em relação a si mesmo resultam num bom funcionamento individual, na motivação e a forma como lidam e respondem às aprendizagens (Linhares et al., 2004). Contudo, já a dificuldade na aprendizagem e escolar, pode gerar sentimentos repetitivos de fracasso, sendo que esta se pode sentir inferiorizada, estando assim suscetível para o insucesso e menos aprovação do seu desempenho (Linhares & cols *apud* Linhares et al., 2004).

Outros estudos constataram, novamente, que crianças que tem mais dificuldades a aprender tem uma perceção de si próprio e dos seus comportamentos mais negativa, comparado com aqueles que tem um rendimento escolar mais satisfatório (Beltempo & Achile, 1990; Clever, Bear & Juvonen, 1992; Leondari, 1993; Jackson & Bracken, 1998 *apud* Linhares et al., 2004).

Linhares et al. (2004), após a realização de um estudo relativo à avaliação do autoconceito de um grupo de 40 crianças de idades entre os 7 a 10 anos, que apresentavam dificuldades de aprendizagem, conclui que as crianças com bom rendimento escolar, detinham um autoconceito mais positivo e uma melhor aceitação pelos pares, mas, por outro lado, sentiam mais ansiedade, devido ao esforço para se adaptarem. Os autores referiram também que dificuldades de aprendizagem das crianças estariam associadas aos fracassos relacionados com a diminuição do rendimento, que consequentemente gera sentimentos negativos e de inadequação, dificuldade a tarefa de aquisição de novas aprendizagens e conteúdos, aumentando assim as dificuldades.

Muitas crianças e adolescentes que tem fracos resultados e um baixo rendimento escolar, por vezes, e de um modo a proteger a sua autoestima, investem, invés das dimensões académicas em dimensões não académicas, onde obtém um melhor desempenho, como por exemplo, no contexto desportivo (Harter, 1998 *apud* Nascimento & Peixoto, 2012).

Outro motivo que pode influenciar um desenvolvimento do autoconceito é as perceções positivas dos alunos acerca do clima da sala de aula em que estão inseridos, estando isto associado a um maior autoconceito, bem como à adaptação académica e menores problemas comportamentais e emocionais (Paiva & Lourenço, 2011).

Constatou-se igualmente que as perceções negativas acerca de si próprio é algo que pode influenciar todo o processo de um bom rendimento escolar, tornando isto uma experiência negativa, isto é, um sujeito que se percebe incapaz de elaborar e cumprir uma tarefa, efetivamente não consegue elaborar essa tarefa, não por falta de capacidades, mas sim pelas perceções negativas que construiu acerca de si próprio. Esta percepção negativa advém muitas vezes das repreensões verbais persistentes e de classificações escolares negativas (Veiga, 2001 *apud* Paiva & Lourenço, 2011). Para além disso, o fracasso em determinadas tarefas, não só pode baixar o autoconceito relativo a esse tipo de tarefas específicas, bem como também a outras atividades da vida do sujeito, podendo influenciar assim o seu rendimento no geral (Neto, 2004 *apud* Paiva & Lourenço, 2011).

Paiva e Lourenço (2011), acreditam então que é bastante importante a envolvência dos alunos na escola e a criação de um ambiente positivo, onde os mesmos se sintam confortáveis para expor as suas dúvidas e convicções sem serem reprimidos, experienciando uma sensação de progresso na sua aprendizagem. Assim, ao aumentar o autoconceito, aumenta também o rendimento escolar.

1.4 Rendimento Desportivo

Como supracitado, muitos jovens que têm fracos resultados escolares, por vezes, e de um modo a proteger a sua autoestima, investem, invés das dimensões académicas em dimensões não académicas, onde obtém um melhor desempenho, como por exemplo, no contexto desportivo.

Constatou-se que existe uma relação entre o autoconceito e a prática de exercício físico, onde, a partir de investigações, constatou-se que praticantes de exercícios físicos e atividades desportivas evidenciam níveis de maior autoconceito físico, quando comparados com não praticantes e praticantes iniciantes (Faria, 2005).

Em termos da influência de um autoconceito baixo num desportista, podemos perceber que os baixos níveis podem influenciar tanto a nível grupal, se o indivíduo participar num desporto de equipa, como também de forma individual. A nível grupal, devido aos níveis baixos de autoconceito, pode prejudicar na habilidade comunicação e integração grupal (Junior et al., 2012), tanto como na experiência da prática desportista individual, o mesmo se aplica à prática de desporto individual, como também o mau rendimento, pois devido aos baixos níveis de autoconceito o indivíduo assume que não consegue cumprir com a tarefa, neste caso, a prática do exercício, mesmo que ele o saiba praticar.

A atividade física também pode proporcionar melhorias de ordem psicológica, como também o aumento do autoconceito (Becker Júnior, 1998; Kruger, 1999 *apud* Junior et al., 2012).

Gasparotto et al. (2020), afirmam que a prática desportiva pode não atuar diretamente com o rendimento escolar, mas esta prática pode contribuir como uma variável mediadora da elevação do autoconceito e conseqüentemente com o desempenho dos alunos. Portanto, se um indivíduo conseguir elevar os seus níveis de autoconceito com a prática desportiva, o seu desempenho escolar, como outros desempenhos no seu quotidiano irão ter uma melhor eficácia.

A prática desportiva poderá então ser uma ferramenta proporcionadora de vivências capazes de estimular o processo de construção do autoconceito e das suas dimensões de forma saudável (Junior et al., 2012).

Faria (2005), afirma que quanto mais profundo for o nosso autoconhecimento das nossas competências, mais fácil se torna a avaliação que fazemos a nós próprios, nas nossas potencialidades e limites, sendo que assim, irá ser mais fácil o processo de mudança e o reconhecimento do valor pessoal. Então, a prática desportiva pode alterar o autoconceito físico de forma positiva, influenciando a motivação, a persistência e a concretização de objetivos pelo sujeito.

1.5 Escala de autoconceito Piers-Harris 2

A escala de autoconceito Piers-Harris 2, construída originalmente por Piers & Herzberg, 2002 (versão reduzida) e traduzida e adaptada por Veiga, em 2006, avalia a vertente cognitiva e afetiva do autoconceito.

É um instrumento de autorrelato, com 60 questões, em formato de resposta Sim/Não, onde a população alvo compreende idades entre os 8 e os 18 anos.

Como já referido, esta escala avalia o construto autoconceito, que é um conjunto de perceções conscientes que as crianças/adolescentes criam acerca de si próprios, das suas qualidades e comportamentos, que vão desempenhar um papel na organização e motivação do comportamento, dando origem a atitudes de autoavaliação e de sentimentos.

Em termos de análise do instrumento, um resultado mais elevado traduz um autoconceito mais positivo. Esta escala divide-se em 6 fatores, isto é, Fator 1 – “Aspeto comportamental”, Fator 2 - “Ansiedade”, Fator 3 – “Estatuto Comportamental”, Fator 4 – “Popularidade”, Fator 5 – “Aparência Física”, Fator 6 – “Satisfação- Felicidade” (Veiga, 2006).

Esta escala tem sido aplicada no âmbito da psicologia de educação, na psicologia clínica e na avaliação de programas de intervenção, como por exemplo, em alunos com dificuldades de aprendizagem. Tem sido utilizada também no estabelecimento de relações entre o autoconceito e outros fatores intervenientes no funcionamento biopsicossocial do indivíduo (Veiga, *sd*).

Veiga (2006), chega até a afirmar que, principalmente no âmbito da psicologia da educação e clínica, se esta escala não existisse, o estudo do autoconceito seria muito incompleto, sendo este um instrumento utilizado na investigação científica, internacional e nacional.

2. Objetivos

O presente estudo pretende constatar a influência do rendimento desportivo e rendimento escolar na percepção consciente que crianças/adolescentes têm sobre si próprios, dos seus comportamentos e dos seus atributos, isto é, a influência do seu rendimento escolar, as notas, o seu comportamento, a sua prática desportiva, como se comporta no contexto desportivo e se considera um bom desportista na sua autoavaliação e a autopercepção das suas habilidades e competências. Para tal, aplicou-se através de um questionário online, o instrumento de avaliação, a escala de Autoconceito Piers-Harris 2, versão reduzida, e um questionário sociodemográfico, onde também questões acerca do seu rendimento escolar e desportivo, como por exemplo, as notas escolares e entre quatro opções (Mau, Razoável, Bom, Excelente) escolherem qual se consideravam como atletas e alunos.

O público-alvo compreendia idades entre 11 a 15 anos, de um grupo de atletas, alunos de uma escola desportiva de futebol.

Pretende-se, após a análise dos resultados extraídos do questionário, a percepção e compreensão de qual dos fatores (Fator 1 – “Aspeto comportamental”, Fator 2 - “Ansiedade”, Fator 3 – “Estatuto Comportamental”, Fator 4 – “Popularidade”, Fator 5 – “Aparência Física”, Fator 6 – “Satisfação- Felicidade”) da escala de Autoconceito Piers-Harris 2, é mais influenciado com a percepção subjetiva do rendimento escolar e rendimento desportivo.

Para estudo definiu-se como objetivo geral analisar a percepção dos adolescentes sobre o rendimento escolar e rendimento desportivo e o seu impacto no autoconceito.

No que concerne aos objetivos específicos pretende-se:

- 1) Explorar quais os fatores do autoconceito mais prevalentes nesta amostra de adolescentes;
- 2) Analisar se existem diferenças na percepção do rendimento escolar e rendimento desportivo dos adolescentes em função da idade;
- 3) Analisar se há diferenças no aspeto comportamental, estatuto intelectual, popularidade, aparência física, satisfação-felicidade e autoconceito total em função da percepção do rendimento escolar e rendimento desportivo dos adolescentes;
- 4) Explorar as relações entre a percepção do rendimento escolar, percepção do rendimento desportivo, fatores do autoconceito e autoconceito total.

3. Metodologia

3.1 Amostra

A amostra do presente estudo é composta por 62 adolescentes, totalmente do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 11 e os 15 anos ($M = 13.84$; $DP = 1.17$), sendo mais frequente terem entre 14 e 15 anos ($n = 41$; 66.1%).

Relativamente ano de escolaridade destaca-se, pelo elevado número de sujeitos, o 9º ano com 37.1% adolescentes ($n = 23$) e de seguida o 8º ano com 25.8% adolescentes ($n = 16$). Também se verifica que quase metade da amostra refere que desde o 5º ano as suas notas têm a classificação de muito bom e bom ($n = 27$; 43.5%). Neste âmbito, 51.6% dos adolescentes percecionam o seu rendimento escolar como bom ($n = 32$), 29% como razoável ($n = 18$) e 19.4% como excelente ($n = 12$).

No que respeita à percepção do rendimento desportivo, observa-se que uma boa parte dos adolescentes da amostra considera bom ($n = 39$; 62.9%), seguindo-se os que consideram razoável ($n = 17$; 27.4%) e por fim, os que classificam como excelente ($n = 6$; 9.7%). Ainda se verifica que é

mais frequente os adolescentes frequentarem a escola desportiva de futebol à 2-3 anos (n = 25; 40.3%).

Os dados sociodemográficos podem ser observados na Tabela 1.

Tabela 1. Caracterização da amostra de adolescentes

	N	%
Género		
Masculino	62	100
Feminino	0	0
Total	62	100
Idade		
11-13 anos	21	33.9
14-15 anos	41	66.1
Total	62	100
Ano de escolaridade		
5º ano	1	1.6
6º ano	10	16.1
7º ano	12	19.4
8º ano	16	25.8
9º ano	23	37.1
Total	62	100
Notas desde o 5º ano		
Muito bom	2	3.2
Muito bom e bom	27	43.5
Bom	3	4,8
Suficiente e bom	17	27.4
Suficiente, bom e muito bom	12	19.4
Suficiente e insuficiente	1	1.6
Perceção do rendimento escolar		
Razoável	18	29.0
Excelente	12	19.4
Bom	32	51.6
Total	62	100
Perceção do rendimento desportivo		
Razoável	17	27.4
Excelente	6	9.7
Bom	39	62.9
Total	62	100
Há quantos anos frequentas a Dragon Force		
1 ano	14	22.6
2-3 anos	25	40.3
4-6 anos	10	16.1
Mais de 6 anos	13	21.0
Total	62	100

Nota. N = número de sujeitos da amostra.

3.2 Instrumento

Um questionário sociodemográfico e a Escala de Autoconceito (*Piers-Harris Children's Self-Concept Scale 2* – PHCSCS-2).

Elaborou-se um questionário (Anexo 1) que continha a escala Piers-Harris 2, versão reduzida e traduzida, onde incluiu-se questões de identificação como a data de nascimento e o ano de escolaridade. Questões sobre a escolaridade, tal como as notas desde o 5º ano até ao ano de escolaridade atual e também, numa escala de *likert* (Mau, Razoável, Bom, Excelente) como se consideravam como alunos. E, por fim, sobre o contexto desportivo, questioneei os anos de presença na escola de desporto de futebol e, como também aplicado no contexto escolar, uma escala de *likert* (Mau, Razoável, Bom, Excelente) de como se consideravam como jogadores.

Como supracitado, fez-se uso do instrumento traduzido e adaptado por Veiga, em 2006 (Anexo 2), que comporta 6 fatores, tais como, Fator 1 – “Aspeto comportamental”, Fator 2 - “Ansiedade”, Fator 3 – “Estatuto Comportamental”, Fator 4 – “Popularidade”, Fator 5 – “Aparência Física”, Fator 6 – “Satisfação- Felicidade”. Em termos de cotação, a cada item é dado ou 1 ponto ou 0, conforme a resposta. Caso esta seja positiva acerca do indivíduo é dado 1 ponto, caso seja negativo, é dado 0 pontos, contendo itens inversos.

Na presente investigação realizou-se uma análise psicométrica, para se avaliar a consistência interna da escala, calculando-se para o efeito o coeficiente de Alfa de Cronbach. Os valores de alfa foram os seguintes: aspeto comportamental ($\alpha = 0.53$), ansiedade ($\alpha = 0.67$), estatuto intelectual ($\alpha = 0.27$), popularidade ($\alpha = 0.54$), aparência física ($\alpha = 0.51$), satisfação-felicidade ($\alpha = 0.41$) e autoconceito total ($\alpha = 0,69$).

No aspeto comportamental retirou-se o item 12. No estatuto intelectual retirou-se o item 22. Na popularidade eliminou-se o item 41 e o 53. Na aparência física eliminou-se o item 8. Na satisfação-felicidade retirou-se o item 35. Estes itens foram retirados deste estudo porque estava a afetar a consistência interna dos fatores.

Alguns destes valores de alfa são considerados aceitáveis e outros inaceitáveis. Contudo, segundo De Vellis (1991), na área das ciências sociais e humanas poderão ser aceitáveis valores de alfa de Cronbach mais baixos. No entanto, iremos discutir todos os fatores com cautela, principalmente o fator estatuto intelectual, devido ao seu valor baixo.

3.3 Procedimentos

Os questionários foram administrados no ano letivo de 2020/2021, em formato online, pelo *Google forms*. Após a solicitação da devida autorização à direção da escola desportiva de futebol (Anexo 3) e em conjunto com o questionário, obteve-se o consentimento informado aos encarregados de educação dos alunos (Anexo 4).

Para a realização do trabalho empírico utilizou-se o programa de análise estatística *Statistical Package for Social Sciences (SPSS)*, versão 22.0 para Windows.

Numa primeira fase procedeu-se à verificação do pressuposto da normalidade para todas as variáveis importantes no estudo, através do cálculo dos valores de Kolmogorov-Smirnov e de assimetria e curtose. Os resultados indicaram que a amostra não tem uma distribuição normal. Já os índices de assimetria (*Sk*) e curtose (*Ku*) encontram-se entre -2 e +2, sendo considerados aceitáveis para provar a distribuição normal univariada (George & Mallery, 2010). De acordo com Pestana e Gageiro (2008), uma amostra tende para a normalidade quando tem um *n* superior a 30. Como a nossa amostra tem um *n* = 62, optou-se pela utilização da estatística paramétrica. Contudo, também se verificou a existência de variáveis com grupos de dimensões reduzidas e nestes casos recorreu-se à estatística não paramétrica.

Posteriormente, fez-se uma análise descritiva dos fatores do instrumento e do respetivo total, envolvendo o cálculo de medidas de tendência central (média) e medidas de dispersão (desvio-padrão).

Com o objetivo de verificar se existem diferenças estatisticamente significativas na percepção do rendimento escolar e rendimento desportivo em função da idade, calculou-se o teste t de Student para amostras independentes. Por sua vez, para explorar as diferenças nos fatores e no autoconceito total em função da percepção do rendimento escolar, procedeu-se ao cálculo do teste de Kruskal-Wallis.

Determinou-se, ainda, o coeficiente de correlação de r de Pearson para testar as associações entre a percepção do rendimento escolar, percepção do rendimento desportivo, fatores do autoconceito e o autoconceito total. Para a classificação da força ou magnitude das correlações usou-se os critérios de Pestana e Gageiro (2008): baixas entre 0,20 e 0,39; moderadas entre 0,40 e 0,69; altas entre 0,70 e 0,89; muito altas acima de 0,90.

4. Resultados

Inicia-se a apresentação dos resultados empíricos com a análise descritiva do instrumento utilizado na presente investigação, o PHSCS-2.

Na Tabela 2 observa-se que o estatuto intelectual é o fator que apresenta a pontuação média mais elevada (M = 8.31; DP = 1.39), seguindo-se a satisfação-felicidade (M = 5.68; DP = 0.62) e a aparência física (M = 5.23; DP = 1.44). As pontuações destes três fatores encontram-se acima da média, tendo em conta os respetivos intervalos. Já o aspeto comportamental (M = 3.37; DP = 1.48), a ansiedade (M = 2.34; DP = 1.90), a popularidade (M = 3.08; DP = 1.16) o autoconceito total (M = 27.52; DP = 3.38) situam-se abaixo da média, tendo em consideração os seus intervalos. Importa salientar a pontuação média baixa da ansiedade, cuja interpretação é diferente dos outros fatores, remetendo para uma maior ansiedade nesta amostra de adolescentes.

Tabela 2. Análise descritiva dos fatores e autoconceito total (N = 62)

	Intervalo (min – max)	M	DP
Aspeto comportamental	1-8	3.37	1.48

Ansiedade	0-8	2.34	1.90
Estatuto intelectual	5-11	8.31	1.39
Popularidade	1-8	3.08	1.16
Aparência física	1-8	5.23	1.44
Satisfação-felicidade	3-7	5.68	.62
Autoconceito total	22-38	27.52	3.38

Nota. M = média; DP = desvio-padrão

De seguida, analisou-se a perceção do rendimento escolar e do rendimento desportivo dos adolescentes em função da idade. Para o efeito, calculou-se o teste t de Student para amostras independentes (Tabela 3).

Os resultados indicam que não existem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos etários.

Tabela 3. Análise de diferenças na perceção do rendimento escolar e rendimento desportivo em função da idade

	Idade		t	p
	11-13 anos (n = 21)	14-15 anos (n = 41)		
	M (DP)	M (DP)		
Perceção do rendimento escolar	3.33 (1.06)	2.73 (1.37)	1.74	.08
Perceção do rendimento desportivo	3.43 (1.07)	2.90 (1.41)	1.49	.13

Nota. p > .05

De forma a explorar as diferenças nos fatores aspeto comportamental, ansiedade, estatuto intelectual, popularidade, aparência física, satisfação-felicidade e autoconceito total em função da perceção do rendimento escolar, procedeu-se ao cálculo do teste de Kruskal-Wallis (Tabela 4).

Os resultados indicam que existem diferenças estatisticamente significativas entre grupos no fator ansiedade ($p = .01$), no qual o grupo de adolescentes que percebe o seu rendimento escolar como excelente apresenta os valores médios mais baixos ($M = 20.25$), logo, mais ansiedade, comparando com o grupo que considera razoável ($M = 39.11$) e o grupo que considera bom ($M = 31.44$).

Também existem diferenças estatisticamente significativas entre grupos no fator aparência física ($p = .02$), onde se verifica que o grupo de adolescentes que percebe o seu rendimento escolar como excelente revela as pontuações médias mais elevadas ($M = 42.54$), comparativamente ao grupo que classifica como razoável ($M = 25$) e o grupo que classifica como bom ($M = 31.02$).

Ainda se observa que há diferenças estatisticamente significativas entre grupos no fator satisfação-felicidade ($p = .00$), onde se constata que o grupo de adolescentes que percebe o seu rendimento escolar como excelente apresenta novamente as pontuações médias mais elevadas ($M = 40$), comparando com o grupo que considera razoável ($M = 23.08$) e o grupo que considera bom ($M = 33.05$).

Tabela 4. Análise de diferenças nos fatores e no autoconceito total em função da percepção do rendimento escolar

	Percepção do rendimento escolar			H	p
	Razoável (n = 18)	Excelente (n = 12)	Bom (n = 32)		
	M	M	M		
Aspeto comportamental	37.78	27.92	29.31	3.34	.18
Ansiedade	39.11	20.25	31.44	8.11	.01**
Estatuto intelectual	39.14	32.83	26.70	5.84	.05
Popularidade	30.89	28.67	32.91	0.58	.74
Aparência física	25.00	42.54	31.02	7.20	.02*
Satisfação-felicidade	23.08	40.00	33.05	10.49	.00**

Autoconceito total	37.89	28.38	29.08	3.24	.19
--------------------	-------	-------	-------	------	-----

Nota. **p > .01; *p > .05

Para analisar as diferenças nos fatores aspeto comportamental, ansiedade, estatuto intelectual, popularidade, aparência física, satisfação-felicidade e autoconceito total em função da percepção do rendimento desportivo, utilizou-se novamente o teste de Kruskal-Wallis (Tabela 5).

Os resultados demonstram que há diferenças estatisticamente significativas entre grupos no fator aparência física ($p = .00$), no qual o grupo de adolescentes que percebe o seu rendimento desportivo como excelente tem os valores médios mais elevados ($M = 48.58$), comparando com o grupo que considera razoável ($M = 23.15$) e o grupo que considera bom ($M = 32.51$).

Ainda se observam diferenças estatisticamente significativas entre grupos no autoconceito total ($p = .00$), constatando-se que o grupo de adolescentes que percebe o seu rendimento desportivo como razoável apresentam os valores médios mais elevados ($M = 41.50$), comparativamente ao grupo que classifica como excelente ($M = 40.17$) e ao grupo que classifica como bom ($M = 25.81$).

Tabela 5. Análise de diferenças nos fatores e no autoconceito total em função da percepção do rendimento desportivo

	Percepção do rendimento desportivo			H	p
	Razoável	Excelente	Bom		
	(n = 18)	(n = 12)	(n = 32)		
	M	M	M		
Aspeto comportamental	39.79	32.92	27.67	5.77	.05
Ansiedade	39.38	27.67	28.65	4.62	.09
Estatuto intelectual	38.12	36.00	27.92	4.41	.11
Popularidade	35.59	36.67	28.92	2.46	.29
Aparência física	23.15	48.58	32.51	9.61	.00**

Satisfação-felicidade	26.35	35.08	33.19	3.02	.22
Autoconceito total	41.50	40.17	25.81	10.66	.00**

Nota. **p > .01; *p > .05

A Tabela 6 apresenta a análise de correlações entre a percepção do rendimento escolar, percepção do rendimento desportivo, fatores do autoconceito e autoconceito total, tendo-se calculado o Coeficiente de Correlação de Pearson.

Os resultados indicam que a percepção do rendimento escolar tem uma correlação significativa positiva de magnitude moderada com o rendimento desportivo ($r = .44$; $p = .00$) e de magnitude baixa com a satisfação-felicidade ($r = .28$; $p = .01$). Já com a ansiedade ($r = -.26$; $p = .04$), estatuto intelectual ($r = -.34$; $p = .00$) e autoconceito total ($r = -.27$; $p = .03$) apresenta correlações significativas negativas de magnitude baixa.

A percepção do rendimento desportivo dos adolescentes também apresenta correlações significativas negativas de magnitude baixa com o aspeto comportamental ($r = -.36$; $p = .00$), ansiedade ($r = -.31$; $p = .01$), estatuto intelectual ($r = -.29$; $p = .01$) e de magnitude moderada com o autoconceito total ($r = -.26$; $p = .04$). Por sua vez, com a satisfação-felicidade revela uma correlação significativa positiva de magnitude baixa ($r = .25$; $p = .04$).

O aspeto comportamental tem correlações significativas positivas de magnitude baixa com a ansiedade ($r = .32$; $p = .01$), com a popularidade ($r = .34$; $p = .00$) e de magnitude moderada com o autoconceito total ($r = .62$; $p = .00$). Ainda se constata que revela correlações significativas negativas de magnitude baixa com a aparência física ($r = -.33$; $p = .00$) e de magnitude moderada com a satisfação-felicidade ($r = -.52$; $p = .00$).

A ansiedade apresenta correlações significativas positivas de magnitude baixa com a popularidade ($r = .25$; $p = .04$) e de magnitude moderada com o autoconceito total ($r = .69$; $p = .00$). Em contrapartida, com a aparência física ($r = -.32$; $p = .01$) e com a satisfação-felicidade ($r = -.29$; $p = .02$) tem correlações significativas negativas de magnitude baixa.

O estatuto intelectual revela uma correlação significativa positiva de magnitude moderada com o autoconceito total ($r = .52$; $p = .00$).

A popularidade apresenta correlações significativas negativas de magnitude baixa com a aparência física ($r = -.33$; $p = .00$) e de magnitude moderada com a satisfação-felicidade ($r = -.48$; $p = .00$). Ainda revela uma correlação significativa positiva de magnitude moderada com o autoconceito total ($r = -.45$; $p = .00$).

A aparência física tem uma correlação significativa positiva de magnitude baixa com a satisfação-felicidade ($r = .28$; $p = .02$). E, por fim, a satisfação-felicidade também apresenta uma correlação significativa positiva de magnitude baixa com o autoconceito total ($r = .37$; $p = .00$).

Tabela 6. Correlações entre a percepção do rendimento escolar, percepção do rendimento desportivo, fatores do autoconceito e autoconceito total

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1. Rendimento escolar	-	.44**	-.24	-	-	.01	.14	.29*	-.27*
2. Rendimento desportivo	-	-	-.36**	-	-.29*	-.19	.16	.25*	-
3. Aspeto comportamental	-	-	-	.32*	.22	.34**	-	-	.62**
4. Ansiedade	-	-	-	-	.16	.25*	-.32*	-.29*	.69**
5. Estatuto intelectual	-	-	-	-	-	.01	-.14	-.18	.52**
6. Popularidade	-	-	-	-	-	-	-	-	.45**
7. Aparência física	-	-	-	-	-	-	-	.33**	.48**
8. Satisfação-felicidade	-	-	-	-	-	-	-	-	-.05
9. Autoconceito total	-	-	-	-	-	-	-	-	-.37**

9. Autoconceito	-	-	-	-	-	-	-	-	-
total									

Nota. **p > .01; *p > .05

5. Discussão

No que concerne à percepção do rendimento escolar, 51.6% considera-se como bom, 29% como razoável e 19.4% como excelente. No que diz respeito à percepção do rendimento desportivo, observa-se que 62.9% dos adolescentes da amostra considera-se bom, 27.4% consideram-se razoável e por fim, 9.7% classificam-se como excelente. Na amostra, verificou-se que 40.3% dos adolescentes frequentam a escola desportiva de futebol à 2-3 anos.

Após análise dos resultados, conclui-se a existência de diferenças estatisticamente significativas. Percebeu-se que os alunos que se percecionam como excelentes no seu rendimento escolar, quando comparado com o grupo de alunos que se percecionam como razoável e bom no seu rendimento escolar, apresenta uma maior ansiedade. Ou seja, adolescentes que tem um melhor e maior rendimento escolar, que obtém melhores resultados, experienciam um maior nível de ansiedade, do que aqueles que não obtém resultados escolares excelentes.

Existem também diferenças estatisticamente significativas entre grupos no fator aparência física. Conclui-se que, novamente, o grupo de adolescentes que se percecionam como excelente no seu rendimento escolar, apresenta maiores pontuações no fator da aparência física, quando comparado com os adolescentes que se consideram como razoáveis e bons.

No fator Satisfação-felicidade, também se constatou que os adolescentes que se percecionam como excelentes no seu rendimento escolar, se sentem mais satisfeitos, comparados com o grupo de adolescentes que se considera razoável e bom.

De uma forma geral, em relação às percepções do rendimento escolar, percebeu-se que, o grupo de adolescentes que se considera excelente, tende a ter níveis de ansiedade mais elevados, uma melhor percepção da sua aparência física e uma maior satisfação e felicidade, comparado com o grupo de adolescentes que se considera bom e razoável.

Os resultados demonstram, na percepção do rendimento desportivo, que há diferenças estatisticamente significativas entre os grupos no fator da aparência física. Onde, o grupo de adolescentes que perceciona o seu rendimento desportivo como excelente, tem valores mais elevados quando comparados com o grupo que se considera razoável e bom.

Em termos de autoconceito total, no rendimento desportivo, constatou-se que os adolescentes que consideravam o seu rendimento desportivo como razoável, obteve valores mais elevados que os grupos que se consideravam excelente e bom.

Referente à tabela 6, constatou-se que quanto maior a percepção rendimento escolar, maior é a percepção da ansiedade, menor é a percepção do aspeto comportamental, menor é a percepção do estatuto intelectual e autoconceito total.

A partir da análise de diferenças na percepção do rendimento escolar e rendimento desportivo em função da idade (Tabela 3), constatou-se também que não existem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos etários da amostra (11 a 13 anos – 14 a 15 anos). Sendo que isto entra em discordância com o estudo supracito, referido por Junior et. al (2012), elaborado por investigadores, com participação de 144 crianças, da faixa etária dos 10 aos 14 anos, onde se constatou que, em ambos os sexos, o avanço etário é um fator que influencia negativamente a percepção do autoconceito.

6. Conclusão

O autoconceito, tal como Veiga (1988) e muitos outros o definem, é, de uma forma geral e simplificada, a percepção que um indivíduo tem de si próprio e o conceito que, devido a isso, forma de si. Este construto é influenciado por vários aspetos, como os feedbacks recebidos e as diferenças entre estes as suas auto descrições, bem como as características de quem faz esse feedback, a noção do seu desempenho nas mais diferentes tarefas e se considera que o próprio se saiu bem ou mal na execução da mesma.

Tendo em conta, que nas fases da infância e a adolescência as autopercepções são desenvolvidas com maior intensidade (Shavelson et al., 1976), deve-se prestar uma maior atenção ao desenvolvimento do autoconceito da criança/adolescente, pois este desenvolvimento pode ser um fator determinante tanto para o rendimento escolar, como o rendimento desportivo. O bom desenvolvimento deste construto não só permite uma maior aceitação de si próprio, como um melhor aproveitamento das suas competências e habilidades, que, conseqüentemente, terá melhor resultados e rendimento nos diferentes contextos do quotidiano das crianças/adolescentes (Faria, 2005). Já, por outro lado, crianças/adolescentes que não acreditam nas suas capacidades, que mantem apreciações negativas acerca do seu trabalho e subestimam-se, tornam-se indivíduos com poucas capacidades de comprometimento em tarefas que impliquem mostrar as suas capacidades (Faria, 2005).

Como referido, o autoconceito é considerado como uma variável fundamental a considerar no contexto escolar e desportivo. Apesar de não ter uma ligação direta, a prática de desporto pode servir como uma variável mediadora de crescimento do autoconceito e de um melhor desempenho, podendo então influenciar positivamente o rendimento escolar (Gasparotto et al., 2020).

Para além da possibilidade de a prática desportiva ser uma variável de crescimento do autoconceito, muitos jovens que obtém maus resultados escolares, optam por se focar em atividades não académicas que obtenham bons resultados e rendimento, por exemplo, frequentar uma instituição/escola desportiva, para compensar o facto de não obterem o melhor rendimento escolar, camuflando assim a sua autoestima (Harter, 1998 *apud* Nascimento & Peixoto, 2012).

Um dos fatores que pode melhorar a experiência escolar e desportiva da criança/adolescente, é o ambiente da sala de aula, referido por Paiva & Lourenço (2011), como também, o ambiente da equipa (quando o atleta participa em desportos de grupo, neste caso a amostra utilizada), referido por Gomes et al. (2008). É importante, na sala de aula, a criação de um ambiente confortável e seguro, para que a criança se sinta capaz de expor as suas crenças/duvidas/convicções e, por sua vez, a progredirem na aprendizagem, sentindo a satisfação de fazerem o que gostam. O professor Carlos

Neto (2021), afirma que o sistema educacional é um sistema ainda muito impositivo, dizendo que se deve fazer uma avaliação mais qualitativa, avaliando o processo e integrando mais os alunos na sua experiência de aprendizagem.

O mesmo podemos relacionar com o ambiente de uma equipa desportiva, como o futebol. Estudos acerca da liderança, coesão e satisfação no futebol, concluíram que os atletas preferem estar inseridos numa equipa onde todos se sintam integrados e estão mais satisfeitos com o ambiente positivo e o apoio dado pela equipa, do que o próprio rendimento individual.

Relativamente aos resultados constatados da presente investigação, podemos concluir que o fator Aparência Física aparece com valores mais elevados, tanto no rendimento escolar e desportivo, no grupo de adolescentes que se auto percebem como excelentes em ambos. Então, adolescentes que obtêm bons/excelentes resultados físicos e escolares, são mais propensos a estarem satisfeitos com a sua forma física/ aparência.

Em suma, as maiores limitações desta investigação, é o facto da amostra não ser representativa dos adolescentes portugueses, devido ao tamanho da amostra e ao género da amostra (apenas sexo masculino). No que respeita à generalização dos resultados a outros contextos ou populações, importa referir que este é um estudo transversal, por isso não se podem realizar conclusões definitivas, o que limita o estabelecimento de relações de causalidade entre as variáveis. As vantagens da investigação, para além de ser objetiva, contribuiu cientificamente e impulsiona para próximos estudos. Como sugestões de futuros estudos, optar por uma amostra maior e utilizar mais variáveis, por exemplo, a personalidade, percebendo se influencia o autoconceito. Como sugestão para as escolas e escolas desportivas, a aposta na ajuda dos psicólogos, ajudando e dando estratégias para lidar com a ansiedade e pressão, como também trabalhar com o ambiente da sala e ambiente da equipa.

7. Bibliografia

- DeVellis, R. F. (1991). *Scale development: Theory and applications*. Newbury Park, CA: Sage.
- Ducharne, M. (2004). *Avaliação da auto-percepção de competência: adaptação da PSCSA numa população portuguesa* (Issue 2).
- Gasparotto, G., Bichels, A., Vagetti, G., Pereira, B., & de Oliveira, V. (2020). Self-concern and self-efficacy associated with body activities practise among students. *Psicologia, Saúde & Doença*, 21(02), 343–354. <https://doi.org/10.15309/20psd210209>
- George, D., & Mallery, M. (2010). *SPSS for Windows Step by Step: A Simple Guide and Reference*, 17.0 update (10nd ed.) Boston: Pearson.
- Gomes, A. R., Pereira, A. P., & Pinheiro, A. R. (2008). Liderança, coesão e satisfação em equipas desportivas: Um estudo com atletas Portugueses de futebol e futsal. *Psicologia: Reflexao e Critica*, 21(3), 482–491. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722008000300017>
- Faria, M. (2005). Desenvolvimento do auto-conceito físico nas crianças e nos adolescentes. *Análise Psicológica*, V (4), página 361-371.
- Tátá, S. (2014). *Auto Conceito e Auto Estima-Sua importância para o desempenho académico numa amostra do 9º ano de escolaridade UC/FPCE*.
- Nascimento, S., & Peixoto, F. (2012). *Relações entre o estatuto escolar e o autoconceito, auto-estima e orientações motivacionais em alunos do 9º ano de escolaridade* (Vol. 4).
- Okano, C. B., Loureiro, S. R., Linhares, M. B. M., & Marturano, E. M. (2004). Crianças com dificuldades escolares atendidas em programa de suporte psicopedagógico na escola: avaliação do autoconceito. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(1), 121–128. <https://doi.org/10.1590/s0102-79722004000100015>
- Olímpia, M., de Paiva, A., & Lourenço, A. A. (2011.). *Rendimento Académico: Influência do Autoconceito e do Ambiente de Sala de Aula Academic Achievement: Influence of Self-concept and Classroom Environment* (Vol. 27, Issue 4).
- Peixoto, F. (2003). *Auto-Estima, Autoconceito e Dinâmicas. Relacionais em Contexto Escola*. (Tese de Doutoramento, Universidade do Minho). Retirado de <http://hdl.handle.net/10400.12/48>
- Pestana, M. H. e Gageiro, J. N. (2008). *Análise de dados para ciências sociais - A complementaridade do SPSS* (5ª ed). Lisboa: Edições Sílabo.
- Serassuelo, H., Bacarin, D. S., Vaz Ronque, E. R., de Souza Oliveira, S. R., & Simões, A. C. (2012). A percepção do autoconceito e sua influência no desempenho motor em crianças e adolescentes. In *Revista da Educacao Fisica* (Vol. 23, Issue 1, pp. 15–23). <https://doi.org/10.4025/reveducfis.v23i1.11090>
- Serra, A. (1988). O auto-conceito. *Análise Psicológica*, V (2), página 101-110.

Shavelson, R. J., Hubner, J. J., & Stanton, G. C. (1976). Self-Concept: Validation of Construct Interpretations. *Review of Educational Research*, 46(3), 407–441.
<https://doi.org/10.3102/00346543046003407>

Simões, J. V. (n.d.). Actas do 12º colóquio de psicologia e educação autoconceito e motivação para as aprendizagens em crianças de 1º e 2º ano de escolaridade.

Veiga, F. (2006). Uma nova versão da escala de autoconceito Piers-Harris Children's Self-Concept Scale (PHCSCS-2). *Psicologia e Educação*, V (1), página 39-48.

Veiga, F., Domingues, D., & Santana, V. (n.d.). Actas do 12º colóquio de psicologia e educação a escala Piers-Harris children's self-concept scale: uma versão com respostas de um a seis.

8. Anexos

Investigação De Psicologia

*Obrigatório

Identificação

Obrigada pela tua participação neste questionário.
Peço-te que o faças com sinceridade. Não há repostas certas, nem erradas. Qualquer dúvida, envia para:
dragonforce.psicologia@fcporto.pt

Ano de nascimento *

A sua resposta

Ano de escolaridade *

A sua resposta

Anterior

Seguinte

Investigação De Psicologia

*Obrigatório

A tua autoperceção

A autoperceção é a ideia que tu formas de ti mesmo.
Responde com o que realmente sentes. É importante que a resposta seja a mais verdadeira possível.

1/60 - Os colegas da minha turma gozam comigo. *

- Sim
- Não

2/60 - Sou uma pessoa feliz. *

- Sim
- Não

3/60 - Tenho dificuldades em fazer amigos. *

- Sim
- Não

4/60 - Estou triste muitas vezes. *

Sim

Não

5/60 - Sou uma pessoa esperta. *

Sim

Não

6/60 - Sou uma pessoa tímida. *

Sim

Não

7/60 - Fico nervoso(a) quando o professor me faz perguntas. *

Sim

Não

8/60 - A minha aparência física desagrada-me *

Sim

Não

9/60 - Sou o líder nas brincadeiras e no desporto. *

Sim

Não

10/60 - Fico preocupado quando tenho testes. *

Sim

Não

11/60 - Não sou popular. *

Sim

Não

11/60 - Não sou popular. *

Sim

Não

12/60 - Porto-me bem na escola. *

Sim

Não

13/60 - Quando qualquer coisa corre mal, a culpa é geralmente minha. *

Sim

Não

14/60 - Crio problemas à minha família. *

Sim

Não

15/60 - Sou forte. *

Sim

~

16/60 - Sou um membro importante na minha família *

Sim

Não

17/60 - Desisto facilmente. *

Sim

Não

18/60 - Faço bem os meus trabalhos escolares. *

Sim

Não

19/60 - Faço muitas coisas más. *

Sim

Não

20/60 - Porto-me mal em casa. *

Sim

Não

21/60 - Sou lento a acabar os trabalhos da escola. *

Sim

Não

22/60 - Sou um membro importante da minha turma. *

Sim

Não

23/60 - Sou nervoso. *

Sim

Não

24/60 - Sou capaz de dar uma boa impressão perante a minha turma. *

Sim

Não

25/60 - Na escola estou distraído a pensar noutras coisas. *

Sim

Não

26/60 - Os meus amigos gostam das minhas ideias. *

Sim

Não

27/60 - Meto-me frequentemente em problemas. *

Sim

Não

28/60 - Tenho sorte. *

Sim

Não

29/60 - Preocupo-me muito. *

Sim

Não

30/60 - Os meus pais esperam demasiado de mim. *

Sim

Não

31/60 - Gosto de ser como sou. *

Sim

Não

32/60 - Sinto-me posto de parte. *

Sim

Não

33/60 - Tenho um cabelo bonito. *

Sim

Não

34/60- Na escola, ofereço-me várias vezes como voluntário. *

Sim

Não

35/60 - Gostava de ser diferente daquilo que sou. *

Sim

Não

36/60 - Odeio a escola. *

Sim

Não

37/60 - Sou dos últimos a ser escolhido para jogos e desportos. *

Sim

Não

38/60 - Muitas vezes sou antipático com as outras pessoas. *

Sim

Não

39/60 - Os meus colegas acham que tenho boas ideias. *

Sim

Não

40/60 - Sou infeliz. *

Sim

41/60 - Tenho muitos amigos. *

Sim

Não

42/60 - Sou alegre. *

Sim

Não

43/60 - Sou estúpido em relação a muitas coisas. *

Sim

Não

44/60 - Sou bonito. *

Sim

Não

45/60 - Meto-me em muitas lutas. *

Sim

Não

46/60 - Sou popular entre os rapazes. *

Sim

Não

47/60 - As pessoas pegam comigo. *

Sim

Não

48/60 - A minha família está desapontada comigo. *

Sim

Não

49/60 - Tenho uma cara agradável. *

Sim

Não

50/60 - Quando for maior, vou ser uma pessoa importante. *

Sim

Não

51/60 - Nas brincadeiras e no desporto, observo em vez de participar. *

Sim

Não

52/60 - Esqueço o que aprendo. *

Sim

Não

53/60 - Dou-me bem com os outros. *

Sim

Não

54/60 - Sou popular entre as raparigas. *

Sim

Não

55/60 - Gosto de ler. *

Sim

56/60 - Tenho muitas vezes medo. *

Sim

Não

57/60 - Sou diferente das outras pessoas. *

Sim

Não

58/60 - Penso em coisas más. *

Sim

Não

59/60 - Choro facilmente. *

Sim

Não

60/60 - Sou uma boa pessoa. *

Sim

Não

Investigação De Psicologia

*Obrigatório

O teu percurso

Consideras-te um aluno... *

- Mau
- Razoável
- Bom
- Excelente

Desde o 5º ano, as tuas notas escolares são entre: *

A sua resposta

Há quantos anos frequentas a disciplina de Psicologia? *

- 1 ano
- 2 a 3 anos
- 4 a 6 anos
- Mais de 6 anos

Consideras-te um jogador de futebol ... *

- Mau
- Razoável
- Bom
- Excelente

Anterior

Seguinte

Anexo 2

Item	Sim	Não
01 – Os meus colegas de turma troçam de mim. *		X
02 – Sou uma pessoa feliz.	X	
03 – Tenho dificuldades em fazer amizades. *		X
04 – Estou triste muitas vezes. *		X
05 – Sou uma pessoa esperta.	X	
06 – Sou uma pessoa tímida. *		X
07 – Fico nervoso(a) quando o professor me faz perguntas. *		X
08 – A minha aparência física desagrada-me. *		X
09 – Sou um chefe nas brincadeiras e nos desportos.	X	
10 – Fico preocupado(a) quando tenho testes na escola. *		X
11 – Sou impopular. *		X
12 – Porto-me bem na escola.	X	
13 – Quando qualquer coisa corre mal, a culpa é geralmente minha. *		X
14 – Crio problemas à minha família. *		X
15 – Sou forte.	X	
16 – Sou um membro importante da minha família.	X	
17 – Desisto facilmente. *		X
18 – Faço bem os meus trabalhos escolares.	X	
19 – Faço muitas coisas más. *		X
20 – Porto-me mal em casa. *		X
21 – Sou lento(a) a terminar os trabalhos escolares. *		X
22 – Sou um membro importante da minha turma.	X	
23 – Sou nervoso(a). *		X
24 – Sou capaz de dar uma boa impressão perante a turma.	X	
25 – Na escola estou distraído(a) a pensar noutras coisas. *		X
26 – Os meus amigos gostam das minhas ideias.	X	
27 – Meto-me frequentemente em sarilhos. *		X
28 – Tenho sorte.	X	
29 – Preocupo-me muito. *		X
30 – Os meus pais esperam demasiado de mim. *		X

31 – Gosto de ser como sou.	X	
32 – Sinto-me posto de parte. *		X
33 – Tenho o cabelo bonito.	X	
34 – Na escola, ofereço-me várias vezes como voluntário(a).	X	
35 – Gostava de ser diferente daquilo que sou. *		X
36 – Odeio a escola. *		X
37 – Sou dos últimos a ser escolhido(a) nas brincadeiras e nos desportos. *		X
38 – Muitas vezes sou antipático(a) com as outras pessoas. *		X
39 – Os meus colegas da escola acham que tenho boas ideias.	X	
40 – Sou infeliz. *		X
41 – Tenho muitos amigos.	X	
42 – Sou alegre.	X	
43 – Sou estúpido(a) em relação a muitas coisas. *		X
44 – Sou bonito(a).	X	
45 – Meto-me em muitas brigas. *		X
46 – Sou popular entre os rapazes.	X	
47 – As pessoas embirram comigo. *		X
48 – A minha família está desapontada comigo. *		X
49 – Tenho uma cara agradável.	X	
50 – Quando for maior, vou ser uma pessoa importante.	X	
51 – Nas brincadeiras e nos desportos, observo em vez de participar. *		X
52 – Esqueço o que aprendo. *		X
53 – Dou-me bem com os outros.	X	
54 – Sou popular entre as raparigas.	X	
55 – Gosto de ler.	X	
56 – Tenho medo muitas vezes. *		X
57 – Sou diferente das outras pessoas. *		X
58 – Penso em coisas más. *		X
59 – Choro facilmente. *		X
60 – Sou uma boa pessoa.	X	

* O asterisco indica que o item é inverso. Pontuação: ao item respondido no sentido esperado (X) é atribuído um ponto.



Termo de Consentimento Informado

Eu, Andreia Abreu, estagiária da Dragon Force Porto, no ano letivo 2020/2021, no âmbito do mestrado de Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento, da Universidade de Coimbra, estou a elaborar a dissertação de mestrado sobre a influência do autoconceito (conceito que o indivíduo faz sobre si próprio) no rendimento desportivo e rendimento escolar.

Para tal, solicito a autorização para a participação de três equipas de competição integrantes da
num questionário de 60 perguntas, de resposta Sim/Não. A participação nesta investigação tem um carácter voluntário, pelo que estes podem nega-lo ou decidir interromper a entrevista, a qualquer momento, se assim o entender. Todos os dados recolhidos são anónimos e confidenciais.

Tomei conhecimento e autorizo a participação das três equipas de competição no questionário proposto.

12/11/2021

Aceito

Não aceito

Assinatura: _____

(Direção)

Obrigado pela sua colaboração!

Investigação De Psicologia

Termo de consentimento Informado

No âmbito do mestrado em Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento, da Universidade de Coimbra, eu, Andreia Abreu, estagiária no departamento de psicologia da Dragon Force, estou a elaborar a dissertação de mestrado sobre a influência do autoconceito (conceito que o individuo faz sobre si próprio) no rendimento desportivo e rendimento escolar.

Para tal, solicito a participação do seu educando num questionário de 60 perguntas, de resposta Sim/Não. Não existem respostas certas nem erradas, o que interessa é o que pensa e sente realmente. É importante que eles respondam a todas as questões.

A participação nesta investigação tem um carácter voluntário, pelo que pode nega-lo ou decidir interromper a entrevista, a qualquer momento, se assim o entender. Todos os dados recolhidos são anónimos e confidenciais.

Tomei conhecimento sobre a informação acerca do estudo e aceito que o meu educando participe nesta investigação.

Sim

Não

Seguinte